

MUN

de grupos editoriais como Elsevier, Springer e Willey “que estão desenvolvendo uma versão rentável de acesso aberto, ou seja, o modelo APC”, complementa. Na França, enquanto áreas como ciências humanas, matemática e física, conseguem escapar desses oligopólios, outras disciplinas são mais dependentes. Para Mas, o Plano S não faz apologia do APC, apenas o permite sobre a base de “um princípio de realidade” na medida em que, para pesquisadores de várias disciplinas, há poucas alternativas a esse modelo por enquanto. “O Plano S também menciona critérios de qualidade para revistas e plataformas de acesso aberto que devem permitir diferenciar revistas predatórias e revistas de qualidade”, acredita. O DOAJ (Directory of Open Access Journals), por exemplo, é um diretório on-line que indexa e dá acesso livre a revistas revisadas por pares. “O Plano S vai impedir publicar em revistas prestigiosas? Não, se o autor, ao mesmo tempo, depositar uma versão de seu artigo aceito para publicação em arquivo aberto, a via verde”, esclarece. “Culturas disciplinares diferentes reagem de modo diferente a essas mudanças”, finaliza.

Mariana Castro Alves, de Paris



Mais de 90% das crianças do mundo respiram ar tóxico diariamente

MEIO AMBIENTE

Poluição do ar: a vilã da pós modernidade

Em outubro de 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou o relatório “Poluição do ar e a saúde infantil”. O documento é enfático: a poluição do ar é uma das grandes ameaças à saúde e as maiores vítimas são as crianças. Mais de uma em cada quatro mortes de crianças com menos de cinco anos está relacionada direta ou indiretamente a riscos ambientais e 93% de todas as crianças do mundo vivem em ambientes com nível de polui-

ção do ar maior do que o recomendado pela OMS. E por que crianças estão mais expostas à poluição? Simples: é mais perto do chão que os poluentes atingem as maiores concentrações. Além disso, elas respiram mais rápido que os adultos, absorvendo mais poluentes. Entre as principais conclusões, o relatório aponta que a poluição do ar afeta o desenvolvimento neurológico, dificulta o desenvolvimento psíquico e motor e prejudica a função pulmonar em crianças, mesmo em níveis baixos de exposição.

A situação piora em países da África, Sudeste Asiático, Mediterrâneo Oriental e Pacífico Ocidental. Nes-

D



Notícias do Mundo

Fotos: reprodução Picabay



tas regiões o número de doenças atribuídas à poluição do ar é ainda maior, especialmente porque as crianças ficam expostas a poluentes provenientes da queima de querosene e madeira dentro de suas próprias casas para suprir necessidades básicas como aquecimento, cozimento de alimentos e iluminação. A poluição do ar é um problema crônico em moradias de baixa renda e assentamentos temporários. Vincular pobreza à alta exposição e aos riscos para saúde ambiental não é exagerado pois são situações profundamente relacionadas. Em entrevista para o jornal *The Guardian* (29 out 2018), o diretor geral da OMS, Tedros Adhanom, afirmou: “Poluição do ar é o novo tabaco. O ar contaminado está envenenando milhões de crianças e arruinando suas vidas. Isso é indesculpável – toda criança deve ser capaz de respirar ar puro para que possa crescer com toda a sua potência”.

Para se ter uma ideia, estima-se que a poluição doméstica foi responsável pela morte prematura de 3,8 milhões de pessoas em 2016. Isso representa 6,7% da mortalidade global, um número muito maior do que a soma de mortes confirmadas por malária, tuberculose, malária e Aids. Ninguém está a salvo da poluição do ar, nem nos países desenvolvidos. De acordo com o relatório *O impacto global da doença respiratória*, publicado em 2017 pelo Fórum Internacional de Doenças Respiratórias, estima-se que a má qualidade do ar na Europa reduziu a expectativa de vida em cerca de oito meses.

RETRATO DA POLUIÇÃO BRASILEIRA Em entrevista à rádio CBN Vitória (26 mar 2018) o médico patologista Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina e diretor do Instituto de Estudos Avançados, ambos na Universidade de São Paulo (USP), relata que cada duas horas de trânsito na cidade de São Paulo equivalem a fumar um cigarro por dia, em termos de ingestão de poluição do ar, e que o morador de São Paulo perde, em média, um ano e meio de vida por causa da poluição. Saldiva, que é autor do livro *Vida urbana e saúde – os desafios dos habitantes das metrópoles* (Contexto, 2018), destaca que, na maior cidade do Brasil, 4,5 mil pessoas morrem por ano em decorrência dos efeitos da poluição do

ar. Na região metropolitana são 7,5 mil e no estado de São Paulo 18 mil. De acordo com a World Resources Institute Brasil (WRI), somente em São Paulo os custos da mortalidade e morbidade provocados pela poluição do ar giram em torno de US\$ 208 milhões ao ano.

Os pesquisadores Adriana Gioda, Gisele Tonietto e Antonio Ponce de Leon, no artigo “Exposição ao uso da lenha para cocção no Brasil e sua relação com os agravos à saúde da população” publicado em 2017 na revista *Ciência & Saúde Coletiva*, explicam que no Brasil estudos sobre o impacto do uso de métodos rudimentares para cocção são escassos, impossibilitando ter dados concretos sobre o tema. A partir de dados do IBGE, os autores estimam que entre 25 a 33 milhões de brasileiros ainda utilizam lenha para aquecimento e cocção. Em estudos realizados em comunidades indígenas eles observaram um número alto de internações hospitalares de crianças menores de cinco anos por infecção aguda do trato respiratório inferior. Enquanto outros países consideram a poluição do ar, seja atmosférica ou doméstica, como um fator de risco para as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), colocando o problema no mesmo nível do tabagismo, no Brasil seguimos um caminho diferente. Rodolfo Dourado Maia Gomes, consultor da Interna-



Foto: Rafael Neddermeyer/ Fotos Públicas



A baixa umidade relativa do ar e os altos índices de poluição formam uma camada densa e escura no ar de São Paulo

tional Energy Initiative (IEI Brasil), destaca que o Ministério da Saúde, apesar das abundantes evidências científicas, não considera a poluição atmosférica no plano de ações estratégicas para o enfrentamento das DCNT no Brasil, 2011–2022. Na opinião dele, a poluição do ar ainda é tratada como assunto marginal. “A famigerada inspeção veicular ganhou na mídia uma conotação muito mais centrada na obrigatoriedade do que na conscientização da população sobre os sérios impactos que a poluição do ar causa na população. É desanimador!”, disse. Outra dificuldade, segundo ele, é minimizar a questão da poluição do ar na zona rural. “Nossas políticas e tomadores de decisão estão muito voltados para ambiente urbano, negligenciando as áreas rurais, onde as questões socioeconômicas agravam o problema”. O Instituto Energia e Meio Am-

biente (Iema) disponibiliza a Plataforma da Qualidade do Ar, única ferramenta online no país que reúne dados de concentração de poluentes. De acordo com o Iema, dos 27 estados brasileiros apenas nove realizam o monitoramento da qualidade do ar. “Isto retrata a realidade nacional. As iniciativas para o combate à poluição do ar não estão à altura da importância do tema qualidade do ar e saúde”, pondera.

DESAFIOS NO SÉCULO XXI O relatório “Cities alive – designing for urban childhoods”, elaborado pela Arup’s Foresight, uma empresa inglesa que desenvolve soluções para ambientes construídos, destaca a importância de pensar a cidade para as crianças sem se distanciar da problemática da poluição do ar e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pela Organização

das Nações Unidas (ONU) na Agenda 2030. O objetivo central do relatório é mostrar que o planejamento urbano adequado deve considerar adultos e, especialmente, as crianças como indivíduos co-criadores em todos os processos. Gil Penalosa, fundador e presidente do conselho da organização canadense 8 80 Cities que trabalha com soluções para mobilidade, alerta que é preciso pensar as cidades para os usuários mais vulneráveis – crianças, idosos e os pobres – e não adultos atléticos de 30 anos. “Nós podemos e devemos proporcionar todos os dias atividades seguras, divertidas e estimulantes para as crianças na cidade”, destaca Penalosa.

A adoção de combustíveis e tecnologias limpas para cozinhar e aquecer casas, a utilização de meios de transporte menos poluentes e os investimentos em eficiência energética são algumas ações para reduzir a poluição do ar. Na área de planejamento urbano, a OMS recomenda reduzir a exposição das crianças ao ar contaminado, mantendo as escolas e *playgrounds* longe das principais fontes de poluição do ar, como estradas, fábricas e usinas de energia. O relatório da OMS é um alerta para o desafio de combater a poluição do ar, para que todos possam ocupar mais espaços ao ar livre. Quando se trata as crianças esse desafio não é apenas questão de saúde, mas de futuro.

Alice Wassall